



Gustavo Barroso

A Bandeira do “Marquês de Olinda”

ACHA-SE no Museu Histórico Nacional a bandeira brasileira do vapor “Marquês de Olinda”, apresado pelos paraguaios quando levava para Mato Grosso o Presidente Carneiro de Campos, a qual serviu de tapete ao Ditador Solano Lopez. Foi o bravo Tenente Fidêncio Lemos do Prado quem dela se apoderou em Assunção, no dia 5 de janeiro de 1869, trazendo-a para a Pátria.

Essa bandeira histórica, exposta na Sala Duque de Caxias, no meio das mais gloriosas relíquias militares, descorada e ligeiramente delida aqui e ali pela ação do tempo, é de lã e de grande tamanho como todos os pavilhões de navios mercantes ou de guerra.

O Governo do Paraguai apresou de surpresa o “Marquês de Olinda”, violando todas as regras do direito das gentes, pois se encontrava em paz com o Império. Já o navio subia o Rio Paraguai, tendo deixado o porto de Assunção, quando a canhoneira “Tacuari” o intimou a voltar e o escoltou até a capital guarani, onde chegou na noite de 13 de novembro de 1864. Conduzia para a Província mato-grossense seu novo Presidente, o venerando Carneiro de Campos, ex-deputado e coronel de engenheiros. Comandava o vapor o 1.º Tenente reformado da Armada José Antônio da Silva Souto. Eram passageiros o 1.º Tenente da Marinha Agnelo Mangabeira, o cirurgião do Exército Antônio Antunes da Luz, os Pilotos João Pereira Arouca e Antônio Alves Braga, o Comissário-naval Coelho de Almeida, o Fiel Reis, o funcionário aduaneiro Póvoas e mais alguns civis. Após uma noite de apreensões para todos, o dia amanheceu e viram-se cercados por uma flotilha de chatas artilhadas, de cujas tripulações partiam vociferações e insultos. Tudo isso enchia de espanto os brasileiros, que desconheciam ter o Paraguai decidido fazer a guerra ao seu País.

No fim de um mês de detenção e incomunicabilidade, uma tarde subiu a bordo o cunhado e Ministro da Guerra do Ditador, Vicente Barrios, que mandou estender em linha na coberta oficiais, marujos e passageiros. Declarou-lhes sêcamente que seu Governo decidira considerar o paquete boa presa e todos os que se encontravam a bordo, prisioneiros de guerra. Um silêncio angustioso recebeu suas palavras. Carneiro de Campos, como a estátua da dignidade, de braços agaloados cruzados sobre o peito da farda, fitava sem dar palavra, o Ministro paraguaio. O sol baixava. As águas do rio tornavam-se cor de ouro e sangue. A voz áspera de Vicente Barrios ordenou:

— Arriem essa bandeira de negros!

E o pavilhão imperial começou a baixar puxado por um paraguaio de farda vermelha. Os olhos tristes e úmidos dos brasileiros seguiram-no sem o desamparar. Quando a fimbria tocou às tábuas do convés, de novo a voz brutal se fez ouvir:

— Levem isso para servir de tapete a S. Exa.!

O Tenente Mangabeira esboçou um movimento de reação, Clião Arouca deteve-lhe o braço. Todos os lábios estavam apertados; todas as mãos, crispadas. Voltando-se para o nobre vulto de Carneiro de Campos, os oficiais viram que as lágrimas lhe orvalhavam a barba grisalha. Do episódio, Clião Arouca deu conta a Lemos Brito, que descreve em seu livro “A Guerra do Paraguai”.

O Museu, criado pelo Pres. Epitácio Pessoa, em 1922, em 1923 já se enriquecia ao ponto de chamar a atenção

da gente culta. As pessoas amantes da tradição começaram a acreditar na vida e no futuro do estabelecimento. Entre elas, o Tenente Fidêncio Lemos do Prado, que trouxera do Paraguai a bandeira do “Marquês de Olinda”. Certo dia, entrou no meu gabinete um velhinho magro e espigado, modestamente vestido, com um embrulho debaixo do braço. Cumprimentou-me, sentou-se numa cadeira ao lado da minha mesa e disse-me:

— Sr. diretor, sou o Tenente Fidêncio Lemos do Prado, veterano do Paraguai. Entrei em Assunção com o meu batalhão, quando o Sr. Marquês (êle continuava a chamar assim ao Duque de Caxias, como se ainda estivesse no tempo da guerra) a ocupou. Designado para dar guarda no palácio do Ditador Solano Lopez, ali encontrei no seu gabinete, servindo de tapete, uma bandeira imperial que me disseram ser a do paquete “Marquês de Olinda”. Apanhei-a, limpei-a e guardei-a, trazendo-a para o Brasil, quando terminada a luta. Desde então, conservo comigo ciosamente esta relíquia. Estou velho, porém à espera da morte mais dia menos dia. Não tenho ninguém a quem confiá-la. Sabendo da criação do Museu Histórico, julgo ao mesmo posso doar meu precioso troféu, certo de ser conservado com carinho.

Pôs-se a bandeira do “Marquês de Olinda” numa caixa envidraçada à prova de umidade, em lugar de relêvo entre os nossos troféus. De 1923 em diante, todos os anos, no dia 5 de janeiro, aniversário da ocupação de Assunção pelo Exército Imperial, um velhinho esbelto e limpo entrava no Museu, deixava o chapéu na portaria, atravessava em diagonal o pátio emoldurado de canhões históricos, subia a escadaria que leva ao 1.º andar, transpunha o patamar onde se ergue um grande busto em mármore de D. Pedro II envolto no poncho de Uruguaiana, entrava na Sala Osório, chegava à Duque de Caxias, parava diante da velha bandeira encaixilhada, perfilava-se e lhe fazia continência. Todos os anos, sem faltar um só, durante mais duma década, chovesse ou fizesse sol. Os guardas já o conheciam e sabiam do seu costume em prestar aquela silenciosa homenagem à velha bandeira imperial.

Este foi o episódio mais comovedor que tenho presenciado durante minha longa permanência à testa do estabelecimento. Confesso que, na defesa do seu patrimônio, muitas vezes não tenho desanimado ao lembrar-me da lição de fidelidade patriótica daquele velho soldado, pobre, humilde, ignorado, contentando-se em cultivar a pátria imortal no respeito ao símbolo daquele velho pedaço de pano verde e amarelo, sem mira em galardões ou elogios.

Um dos antigos guardas do Museu procurou-me certa vez para me dizer emocionado:

— Sr. diretor, este ano, no dia 5, o velhinho não veio fazer continência à bandeira...

Senti uma lágrima queimar-me as pálpebras, pois estava certo de que só a morte impediria o tenente de homenagear a bandeira do “Marquês de Olinda”. Ele morrera como vivera, singelamente, obscuramente, o herói, que, a par do Flambeau do “L'Aiglon”, poderia afirmar que o seu ato de reverência era **du luxe**, — luxo do espírito, luxo duma alma nobre, luxo dum coração cheio de verdadeiro patriotismo, de verdadeira brasilidade. Na minha opinião, o Tenente Fidêncio Lemos do Prado foi um Grande Brasileiro.